

(RES)SIGNIFICAÇÕES DO EROTISMO EM BRECHT E HILST

Doutorando João Paulo Fernandes (UEPB/UFPB/PPGL)*
Prof. Dr. Hélder Pinheiro (UFCG/PPGL)

Resumo:

Este texto objetiva explicitar algumas imagens simbólicas do erotismo em Bertolt Brecht e Hilda Hilst, especificamente no que tange à poesia, uma vez que ambos apresentam versatilidade em outros gêneros literários. A tentativa de aproximar a Alemanha e o Brasil é dada pela linguagem (res)significada, isto é, tentamos estabelecer diálogos que versem sobre o erotismo, metaforizados em suas poéticas. Tais aproximações são compreendidas a partir dos pressupostos teóricos da poesia, por Eliot e Pound entre outros, e as considerações sobre o erotismo legadas por Bataille. Dois poemas delimitam nossa análise, “Aula de amor”, de Brecht e o primeiro poema de *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, sem título, antecipado por “Dez chamamentos ao amigo”, de Hilst. Nessa perspectiva, apontamos elementos imagéticos que elucidam a compreensão do erotismo através de imagens (res)significadas pela linguagem na poética dos autores.

Palavras-chave: Poesia. Erotismo. Hilda Hilst. Bertolt Brecht.

Abstract

This text aims to show some symbolic images that refer to Bertolt Brecht and Hilda Hilst's eroticism, specifically in their poetry, given that both present versatility in other literary approaches. The attempt of connecting Germany and Brazil is made by the (re)signified language, that is, we try to establish dialogues that point out their metaphoric eroticism. This connection is comprehended by the theory of poetry, represented by authors such as Eliot and Pound, and the eroticism approach developed by Bataille. Two poems delimitate our analysis, “Aula de amor”, by Brecht, and the first poem that composes *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, untitled, indicated as “Dez chamamentos ao amigo”, by Hilst. On this perspective, we point out imagetive elements that elucidate the comprehension of eroticism through (re)signified images in the authors' poetic language.

Keywords: Poetry. Eroticism. Hilda Hilst. Bertolt Brecht.

1 Brecht, Hilst e a Poesia

Pensar a literatura no contexto atual é antes de qualquer coisa refletir acerca do legado teórico e suas incursões com autores e obras. Inseridos em contextos diferentes, a brasileira Hilda Hilst e o alemão Bertolt Brecht são os autores escolhidos para nosso estudo, refletidos em suas semelhanças poéticas no que tange à metaforização do erotismo.

* Doutorando em Letras pelo PPGL/UFPB, bolsista CAPES, sob orientação do professor Dr. Hélder Pinheiro.

Situar Hilst e Brecht na literatura significa inseri-los nos mais diversos gêneros, no entanto, o objetivo principal deste artigo é delimitar ambos no território da poesia. Pertinente à poesia, faz-se necessário questionar: o que é poesia? Talvez fosse mais fácil compreender o que não é poesia. Para tanto, buscamos em T. S. Eliot algumas considerações que nos permitem refletir o verdadeiro sentido da poesia.

Uma das principais reflexões acerca da poesia, para T. S. Eliot, é sua função social. Segundo o autor, a função social da poesia está ligada pela influência daquilo que é escrito pelo poeta e seu receptor, desde que perpassa o tempo, permanecendo novidade. Nessa perspectiva, leiamos as palavras do autor:

Assim, se rastrearmos a influência da poesia através dos leitores mais afetados por ela às pessoas que jamais leram nada, a encontraremos presente em toda parte. Pelo menos a encontraremos se a cultura nacional estiver viva e sadia, pois numa sociedade saudável há uma influência recíproca e uma interação contínuas de uma parte sobre outras. (T. S. ELIOT, 1991, p. 34).

Eliot propõe que a poesia cumpre com sua função social quando consegue transcender gerações, influenciando contínuas partes, ou seja, quando há interação entre um passado e presente unidos pelo legado escrito do poeta. Concebemos assim que Hilst e Brecht mantêm uma relação estreita com o tempo, ou melhor, transcendem o tempo com suas poesias.

Em poesia, elementos são interseccionados, eliminando equívocos separatistas de forma e conteúdo. A fusão desses elementos no texto poético permite ao leitor transitar na subjetividade e inferir possibilidades no que tange ao sentido, quando os mesmos provocam estranhamento.

As reflexões propostas aqui embasam o ponto norteador do fazer poético de Hilst e Brecht, que culmina no uso da linguagem metaforizada pelas imagens do erotismo, fundindo experiências que transcendem o espaço e o tempo, mantendo seu valor estético. A partir das significações sugeridas pelas imagens nos poemas selecionados é possível estabelecer, através das semelhanças, sejam elas de ordem temática ou formal, uma interseção nas poéticas hilstiana e brechtiana que explicitem questões sobre o erotismo.

Não podemos, portanto, delimitar território à literatura, nem tampouco generalizar a partir de aspectos próximos e/ou semelhantes entre autores. Pretendemos sim, apontar em suas poéticas elementos que tornam a poesia transcendental e acabam por aproximar leitores de diferentes épocas e lugares.

Dessa forma, no âmbito da literatura, Hilst e Brecht iconizam o atemporal. Suas experiências permitem à compreensão das imagens condensadas em seus poemas, suscitando

no leitor inquietações e possibilidades de construir sentidos. Em suas experiências compartilhadas com o leitor, pode haver o chamamento para outras questões pertinentes, no entanto, comentamos a seguir acerca das imagens relacionadas ao erotismo, de modo que o entrelaçamento com outros temas não tire o foco de nossa análise, apenas corrobore com nosso objeto.

2 Hilst e Brecht: expressões do erotismo

Por se tratar de uma abordagem temático-comparativa, o erotismo será olhado a partir da literatura, ou seja, da linguagem. Uma vez que poesia é a linguagem condensada, comentaremos imagens, tema, estrutura, de modo não linear, que permeiam o poema; primeiro será analisado o poema de Hilda Hilst, na sequência o de Bertolt Brecht, por fim, e na tentativa de evidenciar semelhanças entre eles, mostraremos, através de elementos textuais, como o erotismo é (res)significado.

O erotismo para Bataille “é um dos aspectos da vida interior do homem. Nisso nos enganamos porque ele procura constantemente fora um objeto de desejo. (...) é aos meus olhos o desequilíbrio em que o próprio ser se opõe conscientemente em questão”. (BATAILLE, 1987, p. 27-29).

Prega-se empiricamente que não devemos confiar totalmente nos poetas. Acreditamos que há um tanto de veracidade nisso, porém, partimos da inconformidade de Hilda Hilst de que não era lida, reconhecida pelo seu trabalho como escritora, quase sempre queixosa, por não ter se tornado popular, mas que não se preocupava, uma vez que o leitor era o que menos importava quando escrevia algo.

Hilda que sempre primou pela qualidade estética, abordou temas que despertavam repúdio na sociedade pudica, como se deu quando publicou a trilogia “pornográfica”, como alguns críticos desavisados consideraram, *A obscena senhora D*, *Cartas de um sedutor* e *O caderno de Lori Lambi*. Mais uma prova de que não conheciam a produção literária da autora é que não fizeram distinção entre uma literatura erótica e pornográfica, rotulando de pornográfica aquilo que acentuaria sua produção erótica, já que desde 1969, com os dez poemas que formam *Ode descontínua remota para flauta e oboé*, o tema central é o erotismo.

Em *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, “O erotismo é aqui o nervo central” (COELHO, 1999, p. 73). A partir dessa consideração de Nelly Novaes Coelho, o erotismo deixa de ser confundido com pornográfico, pressupondo que a “literatura é linguagem

carregada de significado” (POUND, 2006, p. 34). O verdadeiro leitor passa a compreender as temáticas imanentes no texto, inferindo as possibilidades de sentidos em sua singularidade.

Desmistificado o sentido de erótico na poesia hilstiana, olhamos agora para o poema de abertura de *Júbilo*, memória, noviciado da paixão, sem título, e que compõe o capítulo *Dez chamamentos ao amigo* (HILST, 2003, p. 17). Olhar é um aspecto bastante relevante em poesia, temos muito o que olhar em um poema, principalmente quando se trata de uma poética especificamente densa, que além de provocar estranhamento, aponta para uma subjetividade que transcende imagens e símbolos que, implicitamente traduz uma linguagem extremamente rebuscada.

Atentos às significações propostas no poema, buscamos identificar os elementos poéticos e imagéticos que iconizam o erotismo.

Se te pareço noturna e imperfeita
Olha-me de novo. Porque esta noite
Olhei-me a mim, como se tu me olhasses.
E era como se a água
Desejasse

Escapar de sua casa que é o rio
E deslizando apenas, nem tocar a margem.

Te olhei. E há tanto tempo
Entendo que sou terra. Há tanto tempo
Espero
Que o teu corpo de água mais fraterno
Se estenda sobre o meu. Pastor e nauta

Olha-me de novo. Com menos altivez.
E mais atento.

(HILST, 2003, p. 17).

No primeiro momento, observamos a ausência do título no poema, aspecto que provoca ainda mais inquietações no leitor. A ausência é uma condição e/ou estado de falta, de incompletude, que para o ser representa a não realização de algo, seja sonho, desejo etc., de modo que é possível estabelecer, nessa ausência, a busca por um preenchimento da fresta deixada talvez pela angústia, da não felicidade, enfim, de um espaço que dilacera, despertando anseios para uma consolidação daquilo que foi desejado.

A natureza do poema é dada basicamente pela palavra, moldando a estrutura dos versos e estrofes. Forma e conteúdo promovem o diálogo interseccionado, ou seja, mesmo que distintos, fundem-se com o objetivo de explicitar a subjetividade do texto. Nessa imanência, outros elementos dialogam em harmonia, evidenciando o eu lírico enquanto

masculino ou feminino, o tema central, além dos demais aspectos que coadunam sua compreensão.

Observemos o primeiro verso “Se te pareço noturna e imperfeita”, põe em evidência que a voz é feminina, criando desde o princípio a expectativa dialógica dos personagens coisificados. Trata-se ainda de uma marca comum na poética de Hilda Hilst, principalmente em *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, o eu lírico feminino manifestar seus anseios, desejos, angústias, entre outros sentimentos.

Sendo o erotismo o cerne de *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, como destacou Nelly Novaes Coelho; surge, nos versos “Olha-me de novo. Porque esta noite/ Olhei-me a mim, como se tu me olhasses.”, a simbologia do erotismo a partir do verbo transobjetivo “olhar”, que remete ao ato de julgar, contemplar, desejar, possuir. A ênfase dada pelo imperativo “Olha-me” configura o querer insano, e ao mesmo tempo consciente de que há vitalidade, autoestima em relação ao porquê de ser desejada, uma vez que olhou para si mesma com olhos de outrem.

A importância do olhar é figurativizada pela delimitação temporal do acontecimento, ou seja, na duração da noite, que presentifica o ato. Os versos finais da primeira estrofe “E era como se a água/ Desejasse”, sugerem compreender o transitório, aquilo que não ganhou formato, que está subordinado. Tal subordinação está de certo modo vinculada à metáfora da água, que busca concavidade e, enquanto não há o encontro das águas, fica a sensação de vazio, espaço não preenchido.

A reciprocidade do olhar, transitariamente permeado pela água, simboliza o despertar dos desejos mais íntimos que florescem pelo amor e desejo, implicando assim, formas do erotismo, resultante desse amor e desejo, já que não há erotismo sem a expressão desses sentimentos, eliminando o erotismo como imagem pornográfica e aproximando da relação direta que há entre o sagrado e o profano. (evitar a repetição da palavra erotismo)

A continuidade do corpo latente de desejo é visualizado em “Escapar de sua casa que é o rio/ E deslizando apenas, nem tocar a margem.”, a fluidez da água que corre ao sair da origem e desliza pelo fluxo, que ao mesmo tempo que nem toca a margem, acentua-se marcas que (re)vigoram sentimentos, sejam eles realizáveis ou não.

Destacada a questão do erotismo, refletido por sentimentos como desejo e amor, observamos o fitar do eu lírico na terceira estrofe do poema “Te olhei.”, que dá partida aos índices de uma condição antagônica entre o observar e o realizar. Essa condição é posta para o leitor em “Entendo que sou terra”, ratificando o conhecimento de seu papel de mulher forte,

fértil e reprodutora, mas, remete a não aceitação, uma vez que o tempo verbal “entendo” sugere complemento, que mesmo no verso sendo expresso pelo “que sou terra”, implicitamente, é possível enxergar insatisfação ou não realização.

O verso central formado por um único vocábulo “Espero”, permite-nos inferir acerca de sua significação contextual, a pensar que a tensão é ampliada pela forma livre em que se apresenta, semanticamente produz o efeito de incompletude, cria a expectativa e alimenta o sentimento que passa pela necessidade de preencher e/ou satisfazer as necessidades do eu.

Nos dois versos que seguem a continuidade da ideia principal do poema e da estrofe: “Que o teu corpo de água mais fraterno/ Se estenda sobre o meu. Pastor e nauta”, trazem-nos o erotismo metaforizado por imagens de puro desejo. O corpo (res)significa o desejo materializado, que busca satisfação, ápice, gozo, os quais dependem de um guia, um guardião que possa direcionar a navegação, exaltando o êxtase pela personificação do “Pastor”, aquele que pode guiar, que no debruçar dos corpos faça acontecer a realização do ato.

No entanto, o “Pastor” depreende-se de sua altivez e, a harmonia não é estabelecida com a “terra”. Isto é, ao reivindicar que seja olhada novamente, aquela que se parece noturna e imperfeita, não recebe a devida atenção, resultando em um gozo fracionado, onde a explosão erótica permanece na incompletude: “Olha-me de novo. Com menos altivez./ E mais atento.”, assim, o efeito somatório de amor e desejo, sagrado e profano é contraposto pela ausência, incompletude, insatisfação (res)significada na voz feminina no poema.

Passemos agora ao poema de Bertolt Brecht, “Aula de amor”, *Poemas* (2001). No que tange à literatura, Brecht se destaca, principalmente na dramaturgia, que não será pauta de nosso olhar neste texto, uma vez que escolhemos a vertente poética por ser menos abordada, tanto na dimensão alemã quanto na brasileira. Escolhemos Brecht por se tratar de um poeta que aborda o erotismo, tema muitas vezes confundido com pornográfico. Nossa intenção é colaborar para uma sutil reflexão que possa desmistificar alguns conceitos já internalizados, quando o assunto versa sobre o erotismo.

Aula de amor

Mas, menina, vai com calma
Mais sedução nesse grasne:
Carnalmente eu amo a alma
E com alma eu amo a carne.

Faminto, me queria eu cheio
Não morra o cio com pudor
Amo virtude com traseiro
E no traseiro virtude pôr.

Muita menina sentiu perigo
Desde que o deus no cisne entrou
Foi com gosto ela ao castigo:
O canto do cisne ele não perdoou.

O erotismo possui presença marcante na poesia de Brecht, e pouco comum, já que não é o único tema abordado em seus poemas. Digamos que a experiência com a poesia de caráter erótica contempla um pouco mais de uma dezena de seus poemas. No entanto, ele consegue estabelecer diálogos pertinentes, seja pelo próprio texto ou com poetas de outras gerações e continentes, a exemplo de Hilda Hilst, aqui no Brasil.

“Aula de amor” intitula o poema, e a partir dele imagens podem ser construídas antes mesmo de articulá-lo com o conjunto das estrofes. Não que seja nosso propósito desarticular o poema, pelo contrário, pretendemos fundir as ideias que resultam na compreensão temática, apontando as possibilidades sugeridas por “Aula de amor”. Começemos por compreender o substantivo “aula”, quando oralizado ou escrito tal vocábulo, imediatamente nos vem à cabeça algo voltado a ensino, aprendizado, lição ou coisa parecida; aula pede complemento, a exemplo “de quê?”, “para quê?”, e assim, ao receber o complemento “amor”, a figurativização adensa e direciona o leitor a um ponto específico.

A interdependência que há entre amor e aula coadunam significados capazes de elucidar o entendimento do particular, e ao mesmo tempo em conjunto. O amor por si só ecoa a vivência de um sentimento, independentemente se o clímax é positivo ou negativo, se há correspondência mútua dos sujeitos ou não, se o final é feliz ou triste, e talvez seja essa bivalência que melhor metaforiza o amor.

Na articulação das partes do poema, observamos que logo após o título gerar inquietações, o primeiro verso se inicia com uma adversativa “mas”, aspecto que nos chama atenção para um diálogo estabelecido quando o verso se completa: “Mas, menina, vai com calma”. Reconhecemos que há resistência e/ou advertência por parte do receptor, o que não permite inferir recusa, mas, estabelecer ciência do que está prestes a acontecer.

Talvez “Aula de amor” comece a ganhar maior sentido a partir da advertência. É sugerido um eu experiente que lega à menina um aprendizado: “Mas, menina, vai com calma/ Mais sedução nesse grasne:/ Carnalmente eu amo a alma/ E com a alma eu amo a carne.”; a nosso ver, a experiência é latente do eu em relação à menina, uma vez que o mesmo dá as diretrizes, conduz o jogo de sedução, destaca a importância harmoniosa entre alma e carne, ou ainda, podemos considerar como amor e desejo.

Outro aspecto a ser destacado na relevância dessa primeira parte está grafado em “grasne”, ou seja, no soltar a voz, liberar o grito mais íntimo, evidenciando assim, que o gozo extremo deve ser alcançado em conjunto, na mais perfeita harmonia de desejo e amor, simbolicamente postos como corpo e alma.

A definição de um eu lírico masculino é concebida na terceira estrofe, precisamente com a primeira palavra, “Faminto”. O destaque por essa voz masculina explicita o envolvimento em direcionar o “grasne”, o dizer algo, expressar seus sentimentos pela intercalação de que ama a alma e ama a carne, além de, instintivamente, deter o poder, o domínio da situação, como condutor de uma virtude em parceria.

A castração é muito comum na sociedade, principalmente quando influenciada por ideologias sociais e religiosas, as quais disseminam ações que recriminam um simples gesto de carinho até um ato afetuoso mais expressivo fisicamente. O “Faminto” sugere que seja liberado todo o pudor em virtude de se alcançar o extremo gozo, onde o “traseiro” simboliza a liberdade de expressão de um cio, ou seja, de uma vontade retraída, que entre eles não pode ser considerada, apenas querer e deleitar-se no “cheio”, e no amor realizar-se “Amo virtude com traseiro/ E no traseiro virtude pôr.”.

Por fim, vemos que a “aula de amor” é recorrente. A busca por esse aprendizado, de libertar-se de certos pudores é encontrado em um professor “faminto” de carne e ao mesmo tempo capaz de livrar-se da altivez masculina e provocar na “menina” uma sensação de liberdade, conhecimento de seus próprios desejos.

A insegurança é interpretada pelo sentir em “Muita menina sentiu perigo”, mas, que não há impedimento, é como se por um momento tudo fosse passível de realização. Por outro lado, temos a figura do cisne, não apenas como a metáfora da beleza, como também das incertezas, que são disfarçadas pela coragem e ousadia permitindo arriscar-se, e liberar seu canto, e nesse cantar, castigo e perdão são formas de amar, que permitem o resplandecer da beleza, e a realização de uma experiência que une amor e desejo, evidenciando o erotismo como expressão inerente ao ser.

Considerações finais

O conjunto de versos aqui exemplificados pelos poemas de Hilda Hilst e Bertolt Brecht nos proporcionou olhar acerca do erotismo, onde imagens foram semiotizadas na tentativa de compreender tanto o eixo temático quanto sua construção pela linguagem, além

de poder articular-se ao legado de que “O poeta é poeta não pelo que pensou ou sentiu, mas pelo que disse. Ele é criador não de ideias, mas de palavras” (COHEN, 1974, p. 38).

As imagens presentes nos poemas de ambos os autores iconizam e rompem com paradigmas de que o erotismo e o pornográfico estão no mesmo eixo, e mostram, ainda, que na verdade, a fusão do amor e do desejo podem ser expressos por uma experiência erótica de corpo e alma. Dessa forma, pensar o erotismo é considerar a interioridade do ser evidenciada em situações e/ou experiências de puro desejo, que aproximam carne e alma ou o profano e o sagrado.

O ato ou efeito de negar-se ao desejo, seja por razões sociais ou religiosas, configura o medo, a ausência de atitude, que muitas vezes omite a liberdade de expressão. Tanto em Hilst quanto em Brecht, o erotismo é imanente ao ser como realização, tomada de atitude, segurança. Enquanto as experiências nas poéticas divergem um pouco, ou seja, em Hilst a realização através da explosão não acontece mutuamente, já em Brecht, o gozo deixa de ser fracionado e passa a ser uma reação conjunta, de modo que ambos, a “menina” e o “faminto”, são saciados, alcançando o êxtase. Observamos que o tema do erotismo é, para cada um deles, um estado de subjetividade e simbologia.

Referências

- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: LP&M, 1987.
- BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BRECHT, Bertolt. *Poemas: 1913-1956*. São Paulo: 34, 2001.
- COELHO, Nelly Novaes. In: SALLES, Instituto Moreira. *Cadernos de literatura - Hilda Hilst*. Vol. 8. São Paulo, 1999.
- COHEN, Jean. *Estrutura da Linguagem Poética*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- ELIOT, T.S. *De Poesia e Poetas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- HILST, Hilda. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. São Paulo: Globo, 2003.
- POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1977.